

Doc. A

Ana Nunes de Almeida, investigadora do Instituto de Ciências Sociais, considera o caso português curioso: “Entrámos tarde na modernidade demográfica, mas, quando entrámos, fizemo-lo a uma velocidade vertiginosa. Os índices de fecundidade baixaram drasticamente. O que os números mostram, antes de mais, é que há um acesso muito generalizado a métodos contraceptivos, sobretudo à pílula. Mas é evidente que não teríamos uma procura de contraceção se não tivéssemos hoje valores diferentes em relação à família, aos casais, ao papel da mulher e à criança. A queda da natalidade é, em primeiro lugar, fruto de uma mudança de mentalidades.

Sem contraceção e sem o controlo da natalidade, as mulheres continuariam a ter o mesmo papel na sociedade. A mulher libertou-se das maternidades sucessivas e já não fica em casa a tomar conta dos filhos. Pelo contrário, as mulheres enchem as universidades, trabalham, têm uma carreira, ocupam cada vez mais lugares de chefia. Isso é positivo, mas tem consequências. A primeira é o adiamento da decisão de ter filhos.”

Fonte: *Jornal de Leiria*, 19 de janeiro de 2012
(entrevista a Ana Nunes de Almeida)

Regionalmente, constata-se a existência de alguns contrastes na distribuição do índice sintético de fecundidade e da idade média da mãe à data do nascimento do primeiro filho.

Relativamente ao índice sintético de fecundidade, destaque para Lisboa, Algarve e Região Autónoma dos Açores com os maiores valores registados, em oposição ao Norte, Centro e Região Autónoma da Madeira, as NUTS III que registam os menores valores.

Quanto à idade média da mãe à data do nascimento do primeiro filho, destaca-se a Região Autónoma dos Açores com o registo dos menores valores e Lisboa com o dos maiores.